

# A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento  
semanal, Lisboa, mês 9500; Província, 3 me-  
ses 2850; África Portuguesa, 6 meses  
7000; Estrangeiro, 6 meses 11000.

## A compressão e expansão do poder religioso procuram simbolizar na cruz e na espada um império de equilíbrio universal...

Os «filósofos» do tradicionalismo de um passado ignominioso pretendem fundamentar toda a necessidade do equilíbrio do mundo social e político em duas forças supremas: a *compressão* e a *expansão*. Com os seus óculos de azela colocados um pouco ao invés, querem ser uma espécie de filósofos do hospício das irmãs de caridade de Tarbes, após o 18 de frutidor. Uma coisa parecida com Azaïs, que fôra frade aos 16 anos.

Para eles, o mundo, a natureza, não está equilibrado, sem que as ideias arcaicas dos nossos antepassados voltem a refluir, em toda a sua pujança reaccionária, nos espíritos descrentes dos nossos colâneos, que se desviaram da fé devido aos impulsos das falsas democracias. Isto quanto ao lado nacionalista.

Quanto à face internacionalista, eles espalham a imprestabilidade dum *expansão*, em grande, da Cruz e da Espada, do Militarismo e da Igreja do Ocidente por terras pagãs do Oriente...

E para que esta nova fase etnicista da *renascença* jesuítica e de absolutismo integral tenha uma característica alegórica que atente as almas simplistas, vai-se novamente ao museu das barbaridades antigas arranjar esta paradoxal legenda da bandeira da Inquisição: a Espada, símbolo da destruição, ao lado do «ramo de oliveira», símbolo da paz... Quer dizer: os tradicionalistas do moderno figurino amossulino idealizam o revivimento dos nacionalismos católicos, apostólicos e romanos das pátrias do ocidente em cruzadas santas, a fim de que eles, em correrias medievais, vão impôr aos nacionalismos orientais a paz por meio de «vândlicas absorções à força de cuteladas e de canhões».

E o novo e epitético hasteamento do celeberrimo: *In hoc signo vinces...* com o qual se quer *expandir* a ética política, económica, social e religiosa dos assardinhados «tradicionalistas» da última fornada...

Mas para que esta loucura tradicionalista-religiosa possa ter maior êxito, melhor vicejamento à margem tenebrosa das fundas pções de sangue e mais forte estêio sobre os algares atulhados de triturados, cadáveres — tenta-se brandir o lema massacrador com que o bandido político que se chamou Napoleão III covardemente lançou ao péso da França: — *O império é a ordem...*

Esta divisa significa em gíria tradicionalista — *compressão*, isto é: formidanda repressão, por intermédio dum temível ditadura «durintiana-hissopica», de tudo quanto não represente humilhação extática em frente dos bentinhos, dos rosários, dos hábitos talaes, dos crucifixos, das mitras, dos círios, das fardas, dos galões, das estrelas, dos penachos e da «suprema magestade do nosso senhor» da infalibilidade ditatorial apoiada nas baionetas, na desolação e na morte... em benefício capripulso das hostes do tradicionalismo reaccionário...

Esta *compressão* é preparatória da *expansão*, sem se recordarem que aquela *ordem do império* pode vir ter a um desastroso Metz ou Sedan. Eis a lei das compensações com que ambicionam equilibrar as velhas aspirações da liberdade humana, da felicidade universal.

A *compressão* e a *expansão* podemos também encontrá-las na luta contra os arianos, que negavam a divindade de Cristo, sustentada no concílio geral de Niceia, em 325.

Podemos lobrigá-las no concílio geral de Epher, de 431, realizado contra Nestório, bispo de Constantinopla, por não admitir a hipótese da tal Virgem Maria ser mãe do «al Deus» e por afirmar que em *Jesus Cristo* *havia duas pessoas distintas*. E se neste concílio foi renovada a condenação do monge Pelágio por ter negado o pecado original e asseverado desassombradamente que não é preciso a graça de Deus para que o homem possa atingir a sua perfeição moral — isso não quer dizer que não rebente, em 451, outra questão contra Dioscoro, bispo de Alexandria, e Eutiches, heresiarca grego, sendo o primeiro expulso da sua cadeira e o segundo excomungado em virtude de darem uma *sua natureza* a Cristo e os restantes sacerdotes pretenderam que ele tivesse mais uma sobreleste — *duas naturezas*.

E para que a *compressão* e a *expansão* religiosas fôsem mais além, estavam novas desordens no concílio geral de Constantinopla, onde compareceu o imperador Pogoneta para, com a sua presença, «contem-se os turbulentos». Foi um ano de discussões sobre o *monoteísmo*: «Sérgio, Phyrro, Paulo e Macário foram excomungados e todos os seus sectários» por não reconhecerem em Cristo «duas vontades, uma divina e outra humana, e tantas acções quantas as suas naturezas...».

E sempre nestas «conciliosas» desordens, de usurpações, de insultos, de anátemas, de excomuniões e de *compressões* contra a livre análise para a *expansão* dos maiores absurdos religiosos sempre em trágica po-

lémica—chegou-se aos quatro concílios de Latrão: o 1.º lateranense, «para restabelecer a paz da igreja alterada há mais de quarenta e cinco anos, por causa do direito de *colação* dos benefícios»; para ordenar a disciplina eclesiástica, muito enfraquecida pelo desleixo e imensa quantidade de scismas; e para «procurar os meios de subtrair a Terra Santa ao domínio dos infiéis».

O segundo, para o mesmo fim e ainda contra o anti-papa Pedro de Leão e para anatematizar as doutrinas de Arnaldo de Brécia, reformador político e religioso italiano que foi queimado vivo e as suas cinzas lançadas ao Tibre...

O 3.º, para proclamar uma guerra de extermínio aos albigenses, em que se salientaram os histéricos furiosos Simão de Monfort e Luís VIII, e aos partidários de Pedro de Vaux, chefe daqueles sectários religiosos inspirados nos primeiros tempos do cristianismo e sangrentamente perseguidos por Francisco I devido às imposições do clero...

O 4.º, para a conquista da Terra Santa; e o quinto para impedir o novo scisma, apaziguando as divergências entre o papa Júlio II e Luís XII de França, reformar o clero e proclamar a guerra a Selim, imperador da Turquia—não se chegando a efectuar por morte do imperador Maximiliano I, um dos encarregados, com Francisco I de França, de dirigir o massacre expedicionário.

As lutas heréticas de Lutero concorreram também para que essa santa cruzada se abastasse, e para tratar dessas lutas da reforma pregada pelo protestantismo, é que se efectuou o concílio geral de Trento, onde foram fobiosamente condenados os *erros* de Lutero, Calvino, Metantchon—embora durante os 18 anos—dessa palhaçada também, pela quinquagésima vez, se cuidasse da reforma dos costumes eclesiásticos e dos outros fiéis...

Pois, é depois de todas essas pepineiras indisciplinadas e rancorosas das igrejas em permanente litígio, além de outras ainda «conciliosas» que não enumeramos, que os «tradicionalistas» de fresca data querem *atrasar a compressão e a expansão* religiosas—os *palestinos* extermínios nacionais e internacionais sob a infalibilidade dos papas, decidida no concílio geral de Roma de 1869...

... Que lhes parece, caros leitores, este *equilíbrio universal* anseado pelos jesuítas de casaca, de batina, de toga e de fardeta?  
C. V. S.

## Comemoração do 7.º aniversário de «A Batalha»

A comissão promotora das festas de homenagem à *Batalha* continua com entusiasmo a conjugar todos os esforços para que as festas a efectuar nos dias 21 a 28 tenham o máximo de brilhantismo.

Amanhã já os bilhetes para a festa a efectuar no dia 26 no Teatro Apolo, se encontram na administração.

A Comissão apela para todos os amigos da *Batalha* no sentido de ofertarem prendas para a quermesse que deve funcionar na sede durante os dias festivos.

A Comissão reúne amanhã, às 21 horas.

## A admissão da Alemanha na Sociedade das Nações

LONDRES, 14.—Segundo o «Daily Telegraph» foram dadas instruções aos embaixadores e ministros alemães acreditados junto dos Estados membros da Sociedade das Nações para informarem o seu governo acerca das possíveis reservas desses Estados sobre o pedido de admissão formulado pelo Reich, ou sobre as modificações a introduzir no conselho executivo da Sociedade.

## A Universidade Popular Portuguesa e o Almanaque de «A Batalha»

Da Universidade Popular Portuguesa, simpática instituição a que muito deve a causa da educação popular, recebeu *A Batalha* o ofício que a seguir gostosamente publicamos:

Sr. director de *A Batalha*:—«Tive v., em nome desse denodado campeão dos direitos dos trabalhadores, a amabilidade de oferecer para a biblioteca desta Universidade o substancioso livrinho que o *Almanaque da Batalha* é.

Muito reconhecidamente vos agradeçamos a gentileza da oferta, que entre os livros da nossa biblioteca figurará como um dos mais uteis: quando mais não contivesse, bastaria o belo trabalho «Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal» para o recomendar, destacando-se do que vulgarmente se faz no género.

Com a máxima consideração nos subscrevemos—De v., etc., pelo Conselho Administrativo, José Carlos de Sousa.

## Saudando «A Batalha»

Veiu à nossa redacção a Academia Recreativa de Linda-a-Velha, que gentilmente nos saudou. A sua banda executou alguns trechos de música que deixaram agradados quantos tiveram ensejo de escutar. Retribuímos as saudações à popular instituição.

## Réplica às «Novidades» de domingo «gordo» sobre a nossa ingenuidade e a sua falta de palavra

Dissémos que as nossas revelações sobre as congregações religiosas que, à ilharga da lei, funcionam livremente em Portugal, decorreriam serenamente, visto que não seriam perturbadas pelos impropérios e pelos punhados de lama que as *Novidades* nos arremessariam prodigamente com suas mãos papudas, e cabeludas como a de certos animais que se assemelham e confundem com a espécie humana—isto não é uma alusão ao sr. Lúio Neto... E se tal afirmámos foi por termos cometido a ingenuidade, ingenuidade de que nos arrependemos, de ter confiado na seriedade moral e na dignidade profissional das *Novidades* que nos haviam jurado, pública e religiosamente pelo seu Deus—o Deus de trazer lá por casa—que não mais voltariam a ocupar-se da nossa *campanha* visto que não desciam a referir-se a «misérisas jornalísticas».

Acreditámos. Afinal, em pleno domingo gordo, as *Novidades* descem, descem miseravelmente, a emparceirar com a nossa *campanha* para a fulminar com uns risíveis e grotescos raios... de palavras com uns ares cómicos de Jupiter carnavalesco, sórdido como a quadra do ano que hoje, felizmente, tem seu ignominioso desfecho. E assim, vem aquela fôlha de sacristia afirmar publicamente a sua falta de seriedade, e sua insensibilidade moral, apenas para nos dar uma descompostura, sem grandeza e sem elevação, em tudo digna dessas beatas que arrastam sua vida nas igrejas, intrigando e odiando o próximo.

Afirmámos—afirmámos e provámos—a existência de congregações religiosas em Portugal, relatando alguns dos seus crimes e das suas infâmias, pormenorizando bem uns e outros, só lamentando não termos uma lista completa desses maledictos para a publicarmos, sem palavras e sem patacoadas de «livre pensador» fanático. As *Novidades* não opõem uma negativa, ainda que palida e tímida, antes confirmam tudo que aqui temos dito, embora jesuiticamente dissimulem, chamando às congregações «associações de piedade católica, agrupamentos de catequese ou modestíssimas patronatos de crianças arrancadas à miséria das ruas». Então as crianças e raparigas do Pensionato de Nossa Senhora dos Inocentes da Congregação com sede em Santarém, cujos pais ricos e até riquíssimos chegam a pagar dez escudos de pomada para calçado mensal (1) foram arrancadas à miséria das ruas? Uma mentira tão descabelada, nem em domingo gordo é aceitável e perdoadável!

Insistem muito as *Novidades* em que insultámos senhoras respeitáveis. De facto temos aqui referido largamente a acção das damas que são as almas — divinamente danadas — da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, mas não usámos para com elas o menor epíteto injurioso. Limitámo-nos a aplicar-lhes os adjectivos que melhor definem a sua acção, negregada e nefasta.

Dissémos, porventura, que essas senhoras possuíam horror à água, não tomavam banho, tinham em suas cabeças exóticas populações, que metiam os dedos no nariz, nunca mudavam de roupa branca e íntima e se assoavam aos dedos?

Tal não fizemos, supondo até que elas são inatacáveis nesse ponto sem pensarmos sequer em disso averiguar, partindo, como partimos do princípio que constituem uma indiscreção antipática, mesmo para um jornalista, as reportagens sobre a higiene das damas católicas.

Afirmámos ou insinuámos que essas senhoras extra-matrimoniavam seus instintos sexuais com frequência? As *Novidades* sabem perfeitamente que a tal não nos referimos, respeitando, ao máximo, a honra alheia e feminina. Nem sequer dissémos que elas eram esposas de Deus—denunciando assim espirituais adulterios...

Dissémos que as damas metiam as mãos indevidamente nas algibeiras do próximo? Dissémos, de facto, mas acrescentámos que esse gesto não passava dum alcance com «intencionalidade divina» — isto é aprovado e aconselhado por Deus, visto que o dinheiro roubado aos pais das raparigas ricas vai parar inteirinho às

ávidas mãosinhas do Santo Padre, que habita o mais suntuoso palácio do globo, como representante dum Cristo humilde e pobretão.

O insulto, o insulto a que as *Novidades* se apegam, na sua impotência em nos desmentir e em nos reduzir ao silêncio, consistem em termos dito que se Maria Helena Conceição Mendes Santos, regente dum Pensionato para «educação» de raparigas, mostrava uma chocante — chocante para as mães, incluindo as fêmeas de infimas espécies animais — indiferença por um filho de 5 anos porque — acrescentámos — «o amor de Deus ocupava completamente seu coração». Tivemos a suprema tolerância de, ao apontarmos o facto, apresentarmos para ele a desculpa dada — que é a mesmíssima que se emprega, nas reaccionárias hostes, para justificar todos os desmandos e crimes.

A certa altura — e aqui o nosso «crime» ou melhor «a nossa miséria jornalística» assume descomunais proporções — chamamos megeras a damas que «educam» crianças no desprêso do amor da família e de todos os nobres equilibrados sentimentos humanos. Megera, significamente sabe, um género de borboletas. Ora parece-nos que chamar borboletas a essas damas que fazem voar as raparigas de casa de seus pais para as penitências morais dos conventos, é usar dum adjectivo demasiado benigno. Nós bem sabemos que megera, em sentido figurado, significa mãe desnaturada. Oxalá que as pessoas visadas só em sentido figurado tivessem cometido a série de factos que referimos. Mas, infelizmente, as congregações e a obra que lhe apontamos, são uma realidade asquerosa, apavorante e trágica!

As «Novidades» enaltecem os conventos considerando-os «focos de vida espiritual e refúgios sagrados para as almas ulceradas por esta pseudo-civilização e cansadas de desilusões». Por que não contam as «Novidades», aos seus leitores, a verdadeira história do convento de Odivelas — esse harem, onde um rei teve suas concubinas? Se quiser explicar porque «razões divinas» Madre Paula, a pesar de «cansada de ilusões» se sexualizava lubricamente com o rei João V. E aproveite também a circunstância de explicar as «razões divinas» que levaram um padre em Gonçalo, Beira Baixa — a contrair relações sexuais — e a engravidar sua própria irmã. Conte — e conte com o que nós ainda havemos de referir...

## Consumou-se o crime!

### Os revolucionários de Almada foram ontem deportados

Levantou ontem ferro, pelas 19,30, com destino aos Açores, o «Pero de Alenquer» levando a seu bordo os implicados na revolução de Almada, incluindo nesse número os civis que se encontravam presos, pelo mesmo motivo, no governo civil.

Consumou-se definitivamente a ameaça. António Maria escolheu grosseiramente o dia de segunda-feira gorda para levar a cabo sua ignóbil vingança política. As deportações, já aqui o acentuámos, repetidas vezes, são um crime. Os mais leigos sabem perfeitamente que qualquer sanção que se aplica antes dos tribunais decidirem é, juridicamente, uma monstruosidade.

A justiça em Portugal é vesga como vesgo é o ódio do sr. António Maria da Silva que é o seu aplicador perpétuo. Os abribeirados vencidos tiveram prisões com portas tão abertas, tão escancaradas que a maior parte deles fugiu antes do julgamento a pesar de estarem tão seguros da sua absolvição como António Maria da Silva o está da impunidade com que perpetra todos os seus crimes e infâmias.

Os revolucionários vencidos de Almada não têm no país prisão onde possam estar afeerrolhados. Nem as casas-matas dos fortes são suficientemente inabitáveis para satisfazer o ódio político, a fúria repressiva do actual chefe do governo.

E' que o chefe do governo, entendendo que o regresso aos tempos franquistas não é ainda o bastante para contentar seu espírito eminentemente reaccionário, resolveu regressar ao miguismo puro. Se este homem tivesse um pouco de pudor recordar-lhe hiamos que os vencidos de 31 de Janeiro não foram deportados, antes de serem julgados. A pesar de quererem derrubar um regime, ainda houve dentro do país prisões onde pudessem aguardar seu julgamento. Mas António Maria da Silva não é sensível a palavras, por maior justiça que elas encerrem.

## Como nos anos anteriores A BATALHA não se publica amanhã.

## As bárbaras tradições do Carnaval deprimem a dignidade humana

Num jornal que, como *A Batalha*, se propõe orientar as massas trabalhadoras, a parte da população com que há a contar seguramente para a edificação dos alicerces da sociedade futura, creio que ficam sempre bem todas as demonstrações que possam concorrer para iniciar numa guerra sem tréguas, a todas as velhas tradições e preconceitos absurdos que servem quasi sempre de obstáculos poderosos à marcha progressiva das sociedades. Por isso, neste momento, e pela oportunidade do assunto, quero deixar bem vinculada a minha maneira de encarar a exibição do carnaval e a necessidade urgente de combater as suas temporárias brutalidades, reveladoras da nossa enfermiosa passividade e falta de acção reformadora.

Com efeito, o carnaval, provindo das antigas bacanais, tem-se arrastado até ao nosso tempo, devido não só à indiferença da grande maioria, como também à acção consciente da minoria que nos tem dominado — não esqueçamos este pequeno pormenor.

E' certo que o carnaval de hoje, nada se parece já com o que se exibiu nos tempos dos nossos avós, em que a brutalidade da alegria era elevada ao máximo; mas, o que é também certo é que, o que para ali se vê nestes poucos dias que a folhinha decreta para divertimento do povo, é simplesmente indigno da época em que vivemos e revelador de uma grande pobreza de espírito.

Além da falta de respeito pela liberdade de todos aqueles que já emancipados destas velharias querem ter o direito de transitar livremente pelas ruas e mais lugares públicos, sem serem incomodados pelas insolências dos que naqueles dias deixam cair a máscara que durante todo o ano trouxeram afivelada, é muito desolador ver a que papéis repugnantes se submetem certas pessoas com o fim de se divertirem.

Desde a exibição de costumes em que se ridicularizam a velhice e certas deformidades físicas e morais, mendigando para a satisfação de vários vícios, até ao envergar de trajes com que a vaidade se cultiva, a tudo se prestam os alegres foliões que levam o seu inconsciente procedimento até ao ponto de não pouparem os seus inocentes filhos à iniciação da deprimente arte de se mascararem!

Como se não bastasse já a herança alvíscera que sobre nós pesa, de Portugal ser sempre muito frequente o uso da máscara, como o prova a necessidade da publicação de um alvará para proibir o seu uso em 1689.

O carnaval é pois uma brutalidade que existe desde tempos muito remotos e que tem resistido a todos os esforços para lhe pôr còro. Porquê? Porque aqueles que até hoje o têm contrariado por meio de

editais e outras medidas proibitivas, o vão simultânea e propositalmente tolerando, por saberem que é de um grande alcance para os seus fins, deixarem ao povo esses três dias de folia como compensação dos regimes apertados a que o têm sempre sujeitado.

Nos nossos dias mesmo, aí estamos continuamente a assistir a maneios desta natureza, não só por parte dos dirigentes como por parte da burguesia que hoje mais do que nunca tem pretensões de dominar. Assim, não nos têm faltado elegantes festas de mercados para os divinizar, concursos hípicas, touradas com touros de morte, combates de box, desafios de futebol e tudo o mais que seja preciso para divertir o povo, o eterno iludido — e ao mesmo tempo embotar a sensibilidade e deprimir o carácter. Portanto, fixemos bem este ponto: — o carnaval é uma tradição conscientemente mantida por todos aqueles que necessitam de deitar poeira nos olhos das pobres vítimas que exploram, e absolutamente necessária, como são as várias fantochadas que para ali se organizam, para conservar o povo aliado da tragédia tremenda que o ameaça e que a todo o custo é mister conseguir que ele não presinta.

Mas pelo facto de condenarmos o carnaval e várias outras diversões que é costume oferecer ao povo, deve deprender-se que nós condenamos a sua alegria e o direito incontestável que ele tem de ter os seus divertimentos?

De modo nenhum. Nós o que vamos é muito mais longe do que esses reaccionários tradicionalistas que concedem ao povo o direito de se divertir à farta, durante uma certa época do ano. Nós o que queremos é que a sua alegria seja constante durante todo o ano, como resultante lógica de uma verdadeira justiça que a todos distribua igualmente aquilo a que têm direito. Que os seus divertimentos sejam sempre norteados por um certo ideal educativo a que não falte nunca a indispensável noção da sublime estética. No dia em que a acção educativa de todos os idealistas conscientes tiver sido tão poderosa que tenha feito desmoronar todos os preconceitos existentes, o carnaval deixará também de existir. Até lá, que fazer? Esperar que os factos se dêem pelas leis fatais da evolução?

Certamente, mas procurando sempre por todos os meios ao nosso alcance que essa evolução redentora atinja quanto possível o seu máximo da actividade. Portanto, a meu ver, romper com a rotina dos factos, não mantendo as tradições carnavalescas, é lançar uma certa dose de fermento vivificador no decadente problema da felicidade humana.

Vitoria PAIS

## ATRAVEZ DE RECORDAÇÕES...

## Só a educação racional pode formar seres livres e fortes

Desagrada-nos falar ou escrever coisa que se prenda com a nossa personalidade por muitos motivos e razões que para aqui não trazemos por fastidiosos e inúteis, mas não podemos furtar-nos a mostrar aos nossos leitores, servindo-nos do caso que representamos, que a necessidade de uma educação racional e perfeitamente humana da criança se nos impõe de forma insofismável e urgente. Não vemos que, com raras excepções, se tenha tratado entre nós de fazer serio a propaganda absolutamente necessária de educar os nossos filhos de uma maneira a que no futuro venham a ser a falange tão violento que livre para sempre a Humanidade da opressão esmagadora em que vive. Diz o Povo, e ele lá tem as suas razões, que de pequenino se torce o pepino...

E nós que por muito quermos aos nossos filhos... não os podemos comparar à relescente ecurbitacada, não deixamos, entantao, de concordar em que as primeiras impressões, boas ou más, que o cerebro de uma criança sofre, são aquelas que, pela vida fora a guiam no trilho tantas vezes pedregoso e difícil da existência.

## Como deveria fazer-se a educação da primeira infância

Tanto quanto conseguimos recuar no tempo e recordar a nossa infância, nós não temos na memória a mais insignificante nota de Deus eu de qualquer dos vários *accessórios* a essa ideia, origem de tanta maldade, de tanta corrupção e de tanta hipocrisia. Em nossa casa raramente se falava, que nos lembre, nessa complicada patranha que se rotula de religião e que, a nosso ver, não é, pura e simplesmente, mais do que o estatuto dum grande sociedade de... maledictos, com os seus códigos, suas punições e (o que mais nos dóe) um grande capital. Não tivemos, diante dos nossos olhos de curiosa criança, como todas o são, mais do que um Senhor dos Passos com a respectiva cruz às costas, coroa de espinhos sobre a testa, ensanguentada com uns lindos pingos de sangue tão simétricos e tão bem dispostos que mais pareciam bagos de uva do que gotas do precioso sangue derramado para nossa salvação. Muitas vezes nos recordamos de brincar com esse boneco que nos dava momentos de infantil prazer, porque tinha um pé que se prestava, admiravelmente, a simular um manipulo dum electrico... de mulas que eram os existentes na época.

Vagamente nos lembramos de várias procições a que assistíamos e das quais nos deixava gratas recordações a cavalaria da guarda cujos cavalos admirávamos pela sua gordura e meneios.

Para os andores e santos olhávamos já com indiferença porque o que tínhamos em casa possuía um pé como nenhum dos que as procições exibiam...

Tudo se nos afigurava simples como a clara água ou a nuvem azul que pelo espaço desliza, graças a educação racional que em casa nos ministraram, alheia em absoluto a todas as fantasmagorias ou complicações excessivas da civilização ou da chamada boa educação. Nunca levámos uma bofetada das que os papás costumam fornecer em grossa escala, como meio fácil e rápido de reduzir à obediência cega. Os castigos que sofríamos eram os que a nossa consciência espicada por bons conselhos nos infligia, ela própria. E tão duros eram eles que teríamos preferido muitas vezes que em troca do moral fosse o físico a sofrer...

Nunca nos amedrontaram com papões de espécie alguma. Hoje, tantos anos volvidos, não os reecamos também! A educação dada à criança fixou-se e o homem beneficia dela!

## Os primeiros eflúvios de um ideal de justiça

Era pelo tempo da monarquia. A nossa casa, assiduamente frequentada por os que então lutavam por um pouco mais de liberdade e justiça, foi-nos verdadeira escola onde bebemos inosivelmente a soma de revolta que ainda hoje nos faz vibrar e que então se manifestava na raiva que nos causou a prisão, para nós quasi sacrilegia, de Cristiano de Carvalho, o grande amigo que tanto nos encantava com sua conversa e tanto nos honrou fazendo a nossa caricatura na porta... de uma retrete!

Por esse tempo fazia-se entre o operariado larga distribuição de folhas volantes de propaganda e instintivamente nós sentíamos já enorme prazer em dar o nosso trabalho de dobrar esses panfletos que mal sabíamos soletrar mas que estimávamos imenso pela maneira como víamos que eram lidos e o entusiasmo que despertavam. Visitávamos algumas vezes a Universidade Livre que vários libértários sustentavam com grande trabalho e a contemplação de um enorme busto da liberdade que ao fundo do salão se destacava, despertava em nós a forte comção que ainda hoje sentimos ao pensar nessa palavra que resume em si um mundo de belas utopias.

Lentamente o nosso espírito de criança ia-se desenvolvendo, sem esforço procurando a explicação de tudo o que nos era vedado então. Nunca nos furtaram o prazer dum pequena explicação pedida. O amor pela des-graçados instintivamente brotava em nós. Tudo o que era fraco nos era simpático. Recordamos bem que pelo inverno quando a geada caía, nós sofriamos horrivelmente por não podermos pôr as plantas do nosso pequenino quintal as intempéries, o não raro fazíamos sortidas de casa para cobrir com papelões ou esteiras as plantas mais mimosas... que matávamos com o péso das cobertas...

O tempo passou e... nós tão bem passámos. Na escola secundária sofremos ainda o



## TEATRO APOLO

HOJE

A linda farça

Hortense, deita-te

e a comédia

MARIPOSAS ENCRABAVADAS

em que ADELINA ABRANCHEstem uma admirável criação

## Teatro Ginásio

Hoje-Hoje

a jocosa comédia

GUERRA AO VINHO

e a hilariante

REVISTA NUA

Depois do espectáculo haverá um grandioso BAILE DE MASCARAS dando entrada aos espectadores da récita

## Teatro São Luiz

Ultima noite de CARNAVAL, com um BAILE DE MASCARAS depois do espectáculo — Definitiva e irrevogável representação às 8 e 1/2

DOIS DISCURSOS MAGISTRAIS

O do «Maire» O do «Gendarme»  
(Alvaro Pereira) (Alvaro de Almeida)

Os dois «grandes» e chistosos oradores da linda opereta

Os Gaviões

Imponentes marchas e coros

## EDEN TEATRO

HOJE = HOJE

EM ESPECTÁCULO INTEIRO A REVISTA

Fungagá

em que se realizará o desafio de Foot-Ball entre o público e o «team» Feminino para disputa da «Taça Eden Teatro»

Depois do espectáculo um deslumbrante

BAILE DE MASCARAS

abrilhantado por uma BANDA DE MUSICA e um autêntico JAZZ-BAND

## HOJE, TEATRO NACIONAL, HOJE

A Interessante comédia

Mademoiselle Demónio

que tanto êxito obteve ontem

HOJE

Em matinée

Grandioso Baile

Infantil

Com prémios às crianças melhor mascaradas Depois do espectáculo, à meia noite Grandioso BAILE DE MASCARAS. 50 % de abatimento aos espectadores que comprem bilhete de baile e de plateia para assistir ao espectáculo

Fautuils, 15\$00; Cadeiras, 12\$00; Superior, 6\$50; Varandas, 3\$50; Geral, 4\$50.

## TEATROS, MÚSICA &amp; CINEMAS

## Os teatros e o Carnaval

O Carnaval que a folhinha marca vem fazer correspondência ao carnaval político triunfante todo o ano e em geral com as mesmas cegadas andrajosas de carácter, com os mesmos *chê-chê*, pintados com o zarcão dum falso pudor, com as mesmas velhas de capote e lenço, de caixa de rapé e lenço encarnado aptas a calcular a intriga soez de todos os dias, com que ludibriam os incautos.

Por essas ruas existe-se uma multidão de famélicos que com uma música infernal invadem os estabelecimentos à caça de dinheiro, como a filarmônica dos estadistas invade as páginas do *Diário do Governo* com a sinfonia dos impostos que sugam o povo até à última gota... de argente.

\*\*\*

O Carnaval nos teatros? Barulhento, empoeirado, às vezes desordeiro, sempre... boa fonte de receita para as empresas. O crítico lá teve de ir também ao exercício da sua tarefa inglória. Nada menos de quatro peças novas. Duas revistas, «Pão, pão... queijo, queijo...» e «Revista Nua» em ambas o nome do velho revisiteiro Barbosa Júnior, tendo a primeira a colaboração poética de Silva Tavares, e duas comédias «Um drama policial» e «Deita-te Hortense»; assim-as conhecidas comediôgrafos espanhóis do género farça. «Pão, pão... queijo, queijo...», exibe-se no Politeama como «Um drama policial»; a «Revista Nua» no Ginásio e a comédia «Deita-te Hortense», no Apolo. Nas revistas há certo espírito que também teria cabimento fora da época carnavalesca e as comédias não diferem dos modelos consagrados nas farças espanholas em que Muñoz Seca, Paso e Abati são exímios. E... mais nada!

Nogueira de BRITO

Como no dia anterior, o baile infantil que ontem se realizou no Coliseu dos Recreios foi concorridíssimo, apresentando-se ali muitas crianças mascaradas com o melhor gosto e elegância. Após a *matinée* iniciou-se o baile, dançando-se animadamente até ao fim da tarde. Os prémios dados às melhores máscaras foram os seguintes:

**Meninas:** Maria Eugénia Figueiredo, Dinorah Santos Oliveira, Maria Alice Dantas Perdigão, Filomena Amorim Massano, Maria Helena Adriano Rodrigues, Maria de Lourdes Arbúes Moreira de Sousa, Hermínia Pereira Coelho, Maria Cândida Calvão, Lúcia Lima Pereira, Maria Adelaide Gomes Rosa, Maria de Lourdes Calheiros, Florinda Pereira dos Santos, Hilda Sousa Pinto, Aurora das Dóres Paiva.

**Meninos:** Jorge João Costa Reis, Carlos Assunção Trindade, Francisco António Baptista, Fernando Jorge Cardoso, Mário Arlete, Orlando Leitão, João Fernandes Gomes, Rosse, Augusto Assunção Fernandes Martins, Fernando Amorim Massano, Joaquim Henriques Freitas Moraes, Hideo Calheiros, Emilio Manuel Cardoso, Fernando Guerra Cardoso, Henrique Tavares Gomes.

Torna hoje a sair o carro *réclame* que tão grande êxito obteve no domingo atraíndo as atenções gerais do público para este teatro onde esta noite se dá o último grandioso baile de máscaras após o espectáculo com a última, definitiva e irrevogável e linda e engraçadíssima opereta «Os Gaviões».

O último dia das grandiosas festas carnavalescas no Coliseu dos Recreios vai atingir um entusiasmo e um brilhantismo extraordinários a calcular pelos dias anteriores, que no majestoso circo das Portas de Santo António foram os que mais barulho deram em todo o Carnaval. Hoje às 14,30 realiza-se a última *matinée* e baile infantil com novos e valiosos prémios às crianças mais interessadamente mascaradas. A noite após o magnífico e hilariante espectáculo, em que se repete a irresistível pantomima burlesca «D. Pilon», efectua-se o último baile de máscaras da temporada, durante o qual tocarão alternadamente duas bandas de música.

## Notícias

Vão montadas a rigor a conhecida e apreciada zarzuela «Pobre Valbuena» e a opereta «Alsaciana», de Guerrero, pela primeira vez representada em Portugal, que na próxima sexta-feira se estreiam no São Luís para final da época.

Na quinta-feira realiza-se, no São Luís, a récita dedicada ao distinto escritor Barbosa Júnior comemorando o 30.º aniversário em que o festejado escritor iniciou a sua carreira como autor teatral. O espectáculo consta da opereta «Os Gaviões» (2.º acto), «A Moça de Campanhas» (2.º acto) e «Revista Nua», tomando parte na récita elementos artísticos não só da companhia desse teatro como também do Ginásio, Maria Vitória, Politeama e Eden.

## Réclames

Domingo próximo, no Ginásio, realiza-se o 10.º concerto sinfónico dirigido pelo ilustre maestro Fernandes Fão. O programa está brilhantemente organizado e dele daremos em breve conhecimento ao público, sendo uma das suas atracções a apresentação do exímio violinista cego sr. Mário Simões, que, acompanhado pela praqueira, executará o concerto de Max Bruck.

—A companhia Ilda Stichini-Rafael Marques, que no mês de Março se estreia no Apolo dá hoje a sua última récita em Évora. Dali segue para Extremoz, aonde representará de 18 a 21 do corrente.

—Realiza-se no domingo 23, no Ginásio, a festa artística do maestro Fernandes Fão. Para esse concerto sinfónico está sendo organizado um selectíssimo programa, em que figura a distintíssima pianista Maria Florinda Santos.

—Repete-se hoje no Juvénia, nova casa de espectáculos sita à rua das Escolas Gerais, o magnífico original em 3 actos, «Um sermão matou?» e a desopilante comédia «Um irmão familiar», que mantêm o espectador em constante hilaridade. A sua graça, feita de observação e de subtil crítica, alegra o público adulto ou infantil, sem a ninguém ofender por qualquer dito cínico.

## Concurso de cégadas

No concurso de cégadas efectuado no sábado último foi conferido o primeiro prémio ao *Triunfo da Arte*, de Raúl Carreira; o segundo, ao *Sermão do Louco*, de J. Brito; o terceiro, *Quero, Carvão e Destino*. Os grupos premiados devem requisitar os seus prémios amanhã, das 20 às 22 horas, na rua da Esperança, 122, 2.º.

## ESPECTÁCULOS

**TEATROS**

Nacional—Às 21,15—«As duas Metades».

A's 24—Baile de máscaras.

Ginásio—Às 21,15—«Vida e doçura», «Revista Nua».

A's 24—Baile de máscaras.

Reple—Às 21,15—«Pele Nova e Hortense... deita-te».

Trindade—Às 21,15—«Tierra de Carmen».

A's 24—Baile de máscaras.

A's 15—Matinée.

Politeama—Às 21,30—«Um drama policial», «Pão, pão... queijo, queijo».

A's 24—Baile de máscaras.

São Luís—Às 8,30—«Os Gaviões».

A's 24—Baile de máscaras.

Brenha—Às 21,15—«O Pão de Ló».

Siga a dança Eden—Às 20,30 e 22,45—«As onze mil virgens».

Maria Vitória—Às 20,30 e 22,30—«Foot-Ball».

Coliseu—Às 21—A pantomima «D. Pilon» por diversos artistas da companhia de circo.

A meia noite, Baile de máscaras.

A's 14,30—Matinée.

A's 24—Baile de máscaras.

São Luís—Às 9,15—«Pom Pom».

A's 15—Matinée.

Juvénia—Às 21—«Quem matou?», «Um sermão familiar».

**CINEMAS**

Quilom de Almeida—Animatógrafo.

Cinema El Viciente (4 Graças)—«Espectáculos às 3, 5, 7, 9, sábados e domingos com matineus».

Verdeiro—«Tódas as noites. Concertos e diversões».

**CINEMAS**

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terrace—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

## Ourivesaria e Joalharia

SANTOS CATITA, L.ºA

R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para derreter.

## O conflito russo-helvético

MOSCOU, 15.—Um comunicado do commissariado dos negócios estrangeiros diz ser do governo de Berne a responsabilidade de não terem terminado por um acordo as recentes negociações russo-suíças, a propósito da reunião da conferência preparatória do desarmamento.

## Teatro Maria Vitória

Duas sessões Às 8 1/2 e 10 1/2

Ultimo espectáculo de Carnaval

com a célebre revista

FOOT-BALL

Sucesso estupendo com os completos

A Revolução de Cacicilhas

e a famosa canção O CATARINA

coplas novas no famoso número JORCA

PREÇOS—Camarote, 50\$00; Fautuils, 15\$00; Geral, 4\$00.

Quarta-feira, 17, dois espectáculos com a célebre revista

FOOT-BALL

## Uma carta aberta

Do 1.º sargento licenciado do exército, sr. José Martins de Aguiar, recebemos com pedido de publicação uma carta aberta dirigida ao actual presidente do ministério, a qual, respondendo especialmente ao apelo de bandidos que aquele chefe político lançou sobre os homens da revolução de Almeida, lembra-lhe que sendo o maior número das revoluções abertas ou encobertas dirigidas por ele, cabe-lhe melhor que a ninguém a designação de «marchal de bandidos». Muito mais diz a carta; porém, muito embora encerre verdades como punhos, os termos em que a redigiu o seu autor inibem-se de a reproduzirmos.

Que nos revelem o muito respeito que temos pela orientação que sempre nos norteou.

## Contra o fascismo

BERLIM, 15.—Durante a representação da peça «Goldoni» deu-se uma violenta manifestação anti-fascista.

## Até à primeira...

MADRID, 15.—Segundo comunicam de Marrocos, a tribu dos «audjeras» apresentou a sua submissão por completo.

## A tragédia burguesa na Iugoslávia

A crise económica financeira ultrapassa um âmbito de pavor em todo o estado Iugoslavo. A revolta fermenta nas classes trabalhadoras, de todas as mais contundidas.

Encontra-se paralizada por completo a indústria, porque as dificuldades económicas da população são tais que só se adquiere os productos estritamente indispensáveis à vida diária e a concorrência das indústrias estrangeiras não pode ser facilmente combatida. Consequentemente, a crise de trabalho é geral, atingindo, segundo as próprias estatísticas oficiais, mais de 90 por cento dos operários.

A queda da indústria é irremediável, todos os dias se registando falência de fábricas. E, no campo os lavradores são forçados a vender ao desbarato as colheitas, tendo de adquirir por fabulosos preços aquilo de que necessitam. Imagine-se que que tragédias determinações desta aguda crise.

O próprio estado não resiste a tamanha derrocada. As dívidas de guerra, a precipitada diminuição de receitas, a manutenção do grande funcionalismo militar e civil, provocam no organismo um *deficit* cada vez maior e mais insólito. E, entretanto, como é próprio de arruinados, os ministros e altos funcionários fazem enormes despesas, sem contas e a todos os pretextos.

## Uma pirraça de milionário

CAIRO, 15.—O multi-milionário John Rockefeller ofereceu 10 milhões de dólares para edificar o mais belo museu do mundo.

## Paga o banqueiro...

PARIS, 15.—Pela Câmara dos Deputados foi rejeitado o aumento dos direitos sobre os cafés, o sal e os alcooes, e aprovou o aumento da taxa sobre as operações bancárias.

## TIVOLI

Tel. 11. 5474

Matinée às 3 h. Soirée às 8 3/4

## ESPECTÁCULOS DE CARNAVAL

Programas cómicos com

MAX LINDER

CHARLOT

PAMPLINAS

PENCUDO

TORCATO

e HAROLD LLOYD

Na «matinée» os preços não são aumentados e as crianças acompanhadas de suas famílias tem entrada gratuita mas sem direito a ocupar lugar sentado

Quarta-feira: Pela primeira vez em Portugal

TO MMIX

## 'A Batalha' na provincia

e arradoras

## Sines

O desleixo provoca o isolamento da terra

SINES, 14.—Esta terra que outrora teve estradas em estado de conservação invejável, assim como no resto do país, está votada ao mais criminoso desprezo por parte dos poderes constituídos que de tudo terão tratado menos do interesse do povo; esse povo a quem falavam, e lhe chamaram soberano, para que este os elevasse às culmânias da mangedora estatal.

Servidos os seus interesses pessoais, «os pais da pátria» eclipsaram-se, entretendo-se apenas a disputar a posse da grande queijada dos cofres públicos e tudo quanto se possa meter o dedo para lambear.

Intelectualmente hoje estamos sujeitos ao recebimento da correspondência com um dia de atraso e mais, e em breve será o isolamento total visto que as estradas que dão acesso a Santiago do Cacem e da Gran-dola ou a Ferreira do Alentejo, etc. etc., nos vedam a passagem quasi totalmente.

E então para quem tinha de seguir viagem para qualquer ponto, como para Lisboa por exemplo; terá de mandar chamar o notário para fazer testamento e os amigos para lhes dar o último adeus como se tivesse de seguir viagem para o polo norte em missão de estudo.

O outrora tivemos carreira marítima a vapor que marchando de Lisboa para os pontos do Algarve fazia a escala por Sines, e então tornava-se mais cómoda a viagem em todos os sentidos para qualquer destes pontos; e até mesmo por terra cubiçoso era viajar-se pois que as estradas eram um modelo mac-dam, como que rivalizando com as modernas avenidas.—C.

## Mina de S. Domingos

Por toda a parte uma Empresa lançando a miséria

MINA DE S. DOMINGOS, 13.—Todo o concelho de Mértola tornou-se um feudo da Empresa mineira, especialmente a Mina de S. Domingos, votada hoje ao mais completo abandono. Todas as ruas desta localidade se encontram intransitáveis e sem iluminação, a pesar de que a Empresa com facilidade poderia fornecer luz. Só de tempos a tempos são limpas as estradas acumuladas tão perto das casas arruinadas dos mineiros. Ao mesmo tempo, acumulam-se no trabalho nas várias secções da mina, pelo que numerosos operários se encontram ameaçados de despedimento.—C.

## Loulé

História cómica de um cacete abençoado por Deus

LOULÉ, 14.—Nesta vila deu-se há dias um caso picaresco bem próprio da época carnavalesca que decorre.

Existe aqui um agrupamento de juventude católica, chefiado por dois padres e acolitado pelo escrivão de direito Machado, de todos conhecido pelo requintado sobrinho de «Pardal Rabão» e que se afirma um grandíssimo republicano. Vamos, porém, ao caso.

Alguns rapazinhos, filhos de famílias «fidalgas» da terra, uns aspirando a bispos, outros a papas, todos às honrarias da burlesca Igreja, alugaram uma casa para lá se reunirem.

Numa das últimas noites, o sr. D. João Valadas de Barros Teixeira de Aragão Moura — e não sabemos de que mais apelidos — foi assistir à reunião da sarfática juventude. Mas, não confiando dos correligionários nem da protecção de Deus, e dos santos da corte celestial, munui-se de um respeitável cajado, cujo tirocinio o menino de muitos nomes anda tentado.

Ao sair da espiritual assembleia esqueceu-se o «mago fidalgão» de trazer a formidável moca. Pois os tais sarfáticos jovens católicos fizeram ao colega partida igual à que fariam a um apóstolo de Matoma: to-

## Ocorrências diversas

No Banco do Hospital de S. José, foram pensados e recolhiam a suas casas, Manuel Bento Lopes Ramos, de 50 anos, natural de Estarreja, agente de policia, morador na rua Convento da Encarnação, 49, 3.º que caiu na calçada do Garcia, ficando contuso na perna esquerda; António Rodrigues Andrade, de 22 anos, natural de Taboão, policia n.º 741, residente na Praça das Flores, 1, loja, que, na Avenida da Liberdade, foi atropelado pelo automóvel S 8610, ficando contuso nas pernas e ferido no joelho direito; Joaquim Gomes de 25 anos, trabalhador, natural de Alvaizere, residente no Casal Ventoso de Baixo, que caiu próximo da residência ficando contuso pelo corpo. No mesmo Banco também receberam curativo e foram depois para casa: Eduardo Farinha, de 43 anos, natural de Lisboa, trabalhador de madeira, rua Marques Ponte de Lima, 2, que ali foi colhido pelo engenho de uma máquina, ficando ferido na mão esquerda, e Augusto Teixeira Bastos de 17 anos, natural do Barreiro, trabalhador, rua das Flores, pátio do Jardim aos Olivais que, na fábrica de Fósforos na rua do Aquicar, foi colhido por uma guilhotina, ficando ferido na mão direita.

—A enfermaria de S. Francisco do Hospital de São José, recolhiam José Lucas dos Santos, de 29 anos, jornaleiro, natural da Covilhã, residente na rua Maria Pia F. C. 1.º, o qual quando se dirigia para casa caiu por uma pedreira próximo do casal Ventoso de Baixo, ficando muito contuso pelas costas e pernas, e Luiz Joaquim, de 50 anos, natural e residente em Enxara do Bispo (Maíra) que ali tentou suicidar-se dando uma facada no ventre.

—Na Morgue deu ontem entrada António Mendes Saraiva, que foi encontrado na linha férrea, junto ao apeadeiro de Arieiro, o qual apresentava uma perna esmagada pelo comboio. Parece tratar-se de um desastre.

—Na Morgue também foram entrada José Soares, sapateiro, de 65 anos, Quinta do Molinho, em Pedrouços, e Gertrudes de Jesus Canha, de 61 anos, moradora na travessa da Agua de Flor, 1.º, falecidos sem assistência médica, e dois fetos encontrados abandonados na rua Morais Soares.

—Na sala de Observações do Banco do Hospital de São José, deu entrada Joaquim Marques de 45 anos, trabalhador, natural da Covilhã e residente na rua Maria Pia, loja, que foi atropelado por um automóvel na calçada do Cromeiro, ficando contuso nos rins.

—No posto na Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e seguiu para casa Joaquim António, de 33 anos, empregado no comércio residente na rua Maria Pia (barracas) que, na rua 24 de Julho, foi atropelado por uma moto, ficando ferido na cabeça.

## ACREDITA:

Tratagem geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o envenenamento orgânico só para um inimigo poderoso

## A

NUCLEO

CALCINA

TÓNICO ENERGICO

ESCIENFÍFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA FARMACIA SORMOSTINO

Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

ram-se ao cacete e pintaram-no de verde e encarnado, trocando alegremente de Deus, das almas e dos santos. A meio do cado ataram uma fita com as iniciais da juventude católica, depois do que encaixotaram o sagrado instrumento e mandaram-no ao menino, por despacho de grande velocidade em caminho de ferro.

O «menino fidalgão» foi ao do diabo, e o caso não era para menos: fizeram do baculo de um bispo a móca de um livre pensador assanhado...—C

influxo da implantação da República porque iríamos lutar tantas vezes. Já então nutríamos a repugnância pelo bufo e fomos dos que apedrejaram uma esquadra de policia que postada diante do liceu nos mantinha enfiados o dia inteiro... Dirão os Barbozas Vianas que era já o instituto de legião que despertava em nós. Sim, talvez fosse. Mas isso não era, ao tempo, senão motivo para elogios e louvaminhas, enquanto que hoje...

Fomos depois na mocidade em flor... adivinhem o quê! Democrático! Triste! Os democráticos dos primeiros tempos desta república eram um pouco legiãoários também e nós não resistíamos às tentações demoníacas... Sabíamos que eles não toleravam os padres e isso nos bastava. Desconhecíamos a existência de outros inimigos da Igreja e inexperientes... acaramarados por algum tempo com a canhotaria bonzaria.

Um dia, porém (foi pela guerra) assistíamos à passagem de uma manifestação... monstro, organizada para saúdar as nações aliadas. Era no tempo em que a França era o espírito da Liberdade que a feroz Alemanha dilacerava já com a garra adunca... A praça de onde assistíamos ao desfile regor-gitava de patriotas exaltados. Uma mole mensa cantava a *Portuguesa* rubra de gôso pela próxima intervenção na carnificina. Delírio, música, entusiasmo.

De repente porém vemos que entre os cantores há um grupo que não acerta e, fiando mais um pouco, compreendemos que desse grupo se desprende um canto mais bárbaro, mais rude, que, sem bem sabermos porque, nos causa calafrios.

O momento ficou-o bem, porque representava na nossa vida intelectual o momento do resgate, aquele de que saímos para sempre curados da nefasta influência política em cujas malhas a nossa inexperiência nos fez cair.

Na multidão que há pouco fixávamos fez-se um movimento de recuo. Aqui e ali aparecem agentes da ordem e entre eles o commissário de policia (Deus lhe fale n'alma) que rápido como o raio indica a dedo aqueles a que a lei reclama para exemplo tão cego como ela... Este, aquele, aqueloutro, e os agentes lá vão lançando mão das vítimas que o chefe lhes indica. Há um certo pânico na multidão que não chega a compreender o que se passa... lá vão caminhando da cadeia, cantando sempre a sua bárbara música-protesto os componentes do grupo que há pouco passara junto a nós!

Desde então nós libertámo-nos para sempre das algemas que nos prendiam ao passado! Aquela pequena grupo de valentes que entre tão grande multidão, intemeratamente, bravada o seu protesto contra a guerra, chamou-nos à realidade!

Racionamos que era pelo menos injusta uma prisão naquelas condições e que aos do grupo devia dar-se a mesma liberdade que aos da multidão se concedia.

Muito tempo nos conservávamos imersos na dor profunda que o facto nos causou e quando despertamos, sentimos que para sempre teríamos de seguir aquela fraca minoria que não hesitava dar a nota discordante no meio de tão patriótica harmonia.

## Para um ideal mais humano!

Ascendemos rapidamente ao Ideal seguido por aqueles homens. A propaganda que então os seus amigos começaram a fazer fluídou-nos dos pontos obscuros que as suas doutrinas tinham para nós.

Rapidamente dizemos nós porque fixamos um ponto recente da nossa evolução intelectual, mas dizemos mal, porque senão fora a educação racional que nos ministraram, senão fora o amor pelos fracos que de criança incutiram no nosso cérebro, não fôsse enfim termos privado com homens e coisas que em nós se pareciam com a maioria dos que esta corrupta sociedade alimenta, nós não estaríamos preparados intelectualmente para receber, sentindo-a, a influência salutar do Ideal cheio de Amor e de Beleza que a Anarquia representa!

Por isso aconselhamos os proletários a cuidarem com amor e educação dos seus filhos.

O nosso exemplo não é o único. Milhares serão eles e milhões serão se, como deve, o operário organizado se interessar um pouco mais ainda pela educação dos pequenos cérebros dos seus filhos que amanhã terão de ser os construtores da nova Humanidade!

LIBERTUS

Lê o Suplemento de A BATALHA



**FATOS completos e sobretudo**

em bom cheviote com bons forros e bom acabamento, para homem, desde... 129\$00

IMPERMEÁVEIS para homem com cinto e capuz... 149\$00

Em oleado, castanho... 245\$00

Duas faces gabardine e oleado para vestir dos dois lados, cores, preto e bege... 425\$00

Duas faces para vestir dos dois lados, castanho e bege, em lã... 380\$00

Em gabardine preta de lã, padrão de oficial de marinha... 400\$00

Imitação de camurça e capuz, modelo para automóvel... 129\$00

IMPERMEÁVEIS para senhoras com cinto e capuz... 225\$00

Em lã... 225\$00

Descontos para revenda

Para a província remetemos catálogos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172  
Rua do Amparo, 36

**A GRANDE BAIXA DE CALÇADO**

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

**SAPATARIA SOCIAL OPERARIA**

Sapatos para senhora... 20\$00

Sapatos em verniz... 28\$00

Botas pretas (grande salto)... 48\$00

Botas brancas (pequeno salto)... 48\$00

Grande salto de botas pretas... 48\$00

Botas de couro para homem... 48\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra bono e barato.

A Social Operaria e sapataria dos Cavaleiros, 170, Rua da Boa Vista, 172.

**Pedras Metal Auer**

para isqueiros, assim como rodas e moedas, vendem-se no

**Lata, do Conde Barão**

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$00

**Largo do Conde Barão, 55**

**LIMAS NACIONAIS**

Só a grande falta de propaganda tem impedido que a lima nacional seja conhecida em Portugal. As limas estrangeiras, visto que as limas marca "Touros", da Empresa Touros, Ltd., rivalizam em qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as limas nacionais. Encontram-se a venda em todos os pontos estabelecimentos de ferragens e de materiais.

**CARNAVAL**

Não aluguem V. Ex. costumes de máscara sem ver o sortimento todo novo do Moderno Guarda-Roupa

**LEITÃO**

Telefone C. 2888

**Rua do Norte, 83, 1.º**

**Gaminhos de Ferro do Estado**

Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste

Éditos de 30 dias

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste correm éditos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos a contar na última publicação no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julgam com direito ao todo ou a parte da quantia de 8.154\$00, (oito mil e cento e cinquenta e quatro escudos), valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 447, factor de 1.ª classe Carlos José Gonçalves, falecido em 31 de Dezembro último e a cuja quantia se habilitou Vitoria Gonçalves da Soledade, também conhecida por Vitoria da Soledade Salvador e Vitoria da Soledade, esposa do falecido, por si e por suas filhas menores e solteiras Maria, Vitoria e Almerinda.

Lisboa e sede da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste, aos 29 de Janeiro de 1926—Pelo Secretário da Comissão Administrativa—Albano do Canto.

**Policlinica da Rua do Ouro**

Entrada: Rua do Carmo, 93  
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Fígado e bexiga—Dr. Correia Figueiredo—11 e 2 horas.

Doença nervosa, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doença dos olhos—Dr. Mário de Matos—3 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—4 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Romão—12 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.

Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raios X—Dr. Alen Saldanha—4 horas.

Análises—D. Gabriela Bento—4 horas.

**"HERPETOL"**

—) Dá um (—

**Alívio instantâneo**



SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente a comição.

O "HERPETOL" CURA. A atestação temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESUNHAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDO E SECO E ECROSTOS DUREZ.

Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL" melhor remédio que até hoje appareceu.

A' venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 25, 2.º.

**DR. ARMANDO NARCISO**

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 1 (1.ª Rua do Amparo)

Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

**LA KABILINE**

Tintas francesas para tingir em casa

Exija em todas as drogarias porque é a mais económica, mais rápida e de efeitos seguros.

**BOLAS KABILINE**

para reavivar a cor aos tecidos

**KABILOXINE**

substitui com vantagem a saponaria

**KABIMITE**

contra a traça

**Shampooing El-Kibir perfumado**

**G. Poumayou, L. da**

ARCO DE JESUS, 3—(ao Campo das Cebolas)

**LUESAN**

Anti-sifilítico eficaz, cómodo e económico

adoptado por distintos clinicos

n venda nas principais farmácias

**DEPÓSITOS:**

No Porto  
Farm. Dr. Moreno—Largo de S. Domingos, 42-44

Em Lisboa  
F.º Azevedo, Irmão & Veiga—R. do Mundo, 24-42

Farmácia Azevedo, Filhos—Rossio, 31-33

Pestana, Branco & Fernandes—L.ª—Rua dos Sapateiros, 39, 1.º

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

**Valério, Lopes & Ferreira, L.ª**

**FERRAGENS E FERRAMENTAS**

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —

**Chapa ferro preta e zincada**

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

Ed. R. do Amparo, 86—LISBOA—TELEF. 3930, N. gramas, FERRAGENS

**Auto protector para evitar a infecção**

le todas as doenças venereas, Bacteriologia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usem:

**HALLA 1**

remédio alemão duma efficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram spanhar estas doenças.

Cada blanaço com as instruções de usar custa em Lisboa, 7\$00, e com caixa de alumínio, Esc. 8\$50. Para a provincia mais 1\$00 de despesa. Envia-se a cobrança, pelo correio.

A' venda em Lisboa: FARMACIA COTRIP, rua de Escola Politécnica, 16 e 18—Telefone Norte 4006

A' venda no Porto: FARMACIA SOTREIRO, Lda, rua Cedeleira, 123.

**FERRAGENS E FERRAMENTAS**

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralleiros, etc., etc.

**VIANA, REIS & NUNES, L.ª**

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

Telefone C. 2890

**Aos industriais**

**Cola a frio "CERTUS"**

Produto alemão que se dissolve em água fria com grande força de adesão. Resiste ao calor e à humidade. Substitui o grude.

Cola madeira, ferro e aço, lousa, vidro, oleado e mármore sobre madeira, papel sobre papel, papelão sobre papelão.

Vende-se em latas de 1 e 5 quilos.

**Agente: Luiz da Luz Seixas**

Rua dos Fanqueiros, 30, 2.º, E.

**Armazens do Poço do Borratém**

Dias, Gonçalves & Dias, Limit.ª

Abriu este novo estabelecimento com um belo sortido de: Panos brancos e crus, especialidade da nossa casa, atalhados, colchas, riscados, cotins, camisolas, assim como lençóis, camisaria e gravataria, retrosaria.

**AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO**

No vosso interesse visitai a nossa casa

**37—Poço do Borratém—38**

**ASSINEM**

**Os Mistérios do Povo**

**Todos da mesma opinião**

Monárquicos, republicanos, socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas: o melhor e o mais barato é indiscutivelmente o

**Sabonete Santa Clara**

Encontram-se em toda a parte os sabonetes da Fábrica de Santa Clara: "Redondo", "Redondinho", "Luxor", "Espumante", "Glicerina 100%", "Orient", "Melissinde", "Higienique", "Pierrot", "Dyore" e sabão em barras "Dyore".

Venda por atacado: SOCIEDADE CRUZ SOBRINHO—Rua do Carmo, 43, 1.ª—Lisboa.

**Unguento de São Lázaro**

Cura todas as doenças da pele e feridas, por mais antigas e rebeldes que sejam. Caixa 25.00.

A' venda na

**FARMACIA PORTUGAL**

216, RUA AUGUSTA, 216—LISBOA

**Biblioteca de Instrução Profissional**

**Manuais de officios**

Galvanoplastia... 18\$00

Motors de explosão... 20\$00

Navegação... 16\$00

Cimento armado... 25\$00

**Construção Civil**

Acabamentos das construções... 16\$00

Alvenaria e Cantaria... 13\$00

Edificações... 13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações... 13\$00

Materiais de construção... 20\$00

Terraplenagens e alieiros... 13\$00

Trabalhos de Carpintaria... 16\$00

**Diversas indústrias**

Condutor de Máquinas... 20\$00

Foguetes... 16\$00

Formador e estuador... 12\$00

Fundidor... 13\$00

Pilagem... 16\$00

Indústria alimentar... 12\$00

Indústria do vidro... 12\$00

**Elementos gerais**

Algebra elementar... 13\$00

Aritmética prática... 15\$00

Desenho linear geométrico... 12\$00

Elementos de electricidade... 30\$00

Elementos de física... 12\$00

Elementos de Mecânica... 12\$00

Elementos de Modelação... 12\$00

Elementos de Projeções... 16\$00

Elementos de Química... 12\$00

Geometria plana e no espaço... 13\$00

Fabricante de tecidos... 13\$00

**Mecânica**

Torneiro e Frazador mecânicos... 15\$00

Desenho de máquinas... 25\$00

Materiais agrícolas... 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor... 13\$00

Problemas de máquinas... 16\$00

**Livros em espanhol**

A' venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure... 10\$00

La Revolucion Social em Francia, Miguel Bakunine (2 volumes)... 20\$00

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri... 2\$50

La Ukrania revolucionaria, Agustin Souchy... 1\$50

Anarquismo e organização, Rodolfo Rocker... 1\$00

Entre campesinos, E. Malatesta... 1\$00

En Ukrania, Rudenko... 1\$00

Miguel Bakunine, J. Guillaume... 1\$00

Los anarquistas (Estudo e replica) Lombroso y Mella... 5\$00

Errico Malatesta, Max Nettlau... 6\$00

Artistas y Rebeldes, R. Rocker... 9\$00

Nicolai, Romain Rolland... 4\$00

Soviet o Dictadura?, Varin... 1\$50

El Estado moderno, Kropotkin... 5\$00

Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri... 10\$00

Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker... 1\$00

Problemas universitarios, Lelio O. Leno... 1\$00

La Revolucion, José Torralvo... 1\$00

Dios y el Estado, M. Bakunine... 3\$00

Páginas seletas, Multatuli... 3\$00

Ensayos y Conferencias, Pedro Gori... 3\$00

Dos años en Russia, E. Goldman... 2\$00

Quinet, Falaz... 10\$00

La pena de muerte, G. Alomar... 1\$00

El Teatro del Pueblo, V. de Pedro... 1\$00

El Teatro del Pueblo, por Valentin Pedro... 1\$50

Accion Directa, por Angel Pestal... 1\$00

**Serviço de livreria de A BATALHA**

**FOLHETOS**

Eliseu Redus — Anarquia e a Igreja	1\$00
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	\$50
José Prat — A burguezia e o proletariado	\$50
A necessidade da Associação	\$50
Content — Contra o confusãoismo	\$30
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	\$50
Landauer — Social Democracia	\$30
R. Mota — O principio do fim	\$30
A maçonaria e o proletariado	\$30
J. Most — Peste religiosa	\$50
J. Rio	
Trovas da noite	1\$00
Definições sociais	\$50
O Cavador (teatro)	1\$00
Horas anarquicas (versos)	\$50
— Carnet de Pensamento	\$20
1. Bakunine — No sentido em que se mos anarquista	\$50
Chueca — Como não ser anarquista	\$50
B. Lazare — A Liberdade	\$50
J. Elvovian — A minha defesa	\$50
Kropotkin	
A mocidade da guerra	\$50
Os bastidores da guerra	\$30
Moral anarquista	\$50
O espirito revolucionario	\$50
J. Guedes — Lei dos Salarios	\$50
Briand — A greve geral	\$30
Roland — Russia Nova	\$50
— O sindicalismo e os intelectuais	\$50
D. Carvalho — A gestão sindical no periodo revolucionario	\$50
A. Hamon — A crise do socialismo	1\$00
J. Santos — A transformação da sociedade	\$50
Neno Vasco	
Georgicas	\$30
Greve de inquilinos, teatro	1\$00
Domela — Pátria e Humanidade	\$30
— Proletariado Histórico	1\$00
G. Archinoet — A Revolução e o Sindicalismo	\$50
Carlos Rates — Aditadura do proletariado	1\$00
Emilio Chaplier — Porque não creio em Deus	1\$00
N. Lenin — A luta pelo pão	\$50
Rodolfo Rocker — Osindicalismo revol. e a organização operaria	1\$00
Trotsky — Constituição politica da Republica dos Sovietes	\$50
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha	\$50
C. de G. O. N. M. — Procriação consciente	\$50
José Torralvo — La Revolucion	1\$50
Leão O. Zeno — Problemas universitarios	2\$00
La Revista Blanca — Arte, Sciéncia e Literatura. Cada numero	2\$00

**REBUÇADOS PEITORAIS**

**Dr. Centazzi**

Os melhores para a tosse, catarras e bronquites.

Livres de essências artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados, com o papel imitando o nosso.

**Renovação**

Revista grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço rec. 1,50

**ASSINEM Os mistérios do Povo**

—Seguistes essas recomendações?

—Sim, senhor... mas ainda há mais... Esta noite, o mesmo homem voltou, a cavallo, e trazendo a garupa, embrulhada numa capa... uma freira... Eu fui logo avisar o vosso hospede; ele correu para a porta, e eu não sei como não desmaiou ao ver a freira; depois, debulhado em lágrimas, entrou com ela para casa, enquanto o homem que a tinha trazido voltava para traz a todo o galope. Começava então a desportar o dia. Enfim, por volta do meio-dia, tornou a vir cá o mesmo homem, mas desta vez com uma japona e um barrete de camponês, e trazendo ao vosso hospede um cofrezinho. E depois foi-se embora.

O sr. Roberto Etienne, muito intrigado com o que lhe contava o jardineiro, dirigiu-se para casa, a cuja porta bateu dum modo particular, em forma de sinal: duas pancadas primeiro, e depois outra, separada das primeiras por um curto intervalo. Cristiano veio logo abrir a porta.

—Meu amigo, que tendes? que succedeu?—exclamou Roberto Etienne, notando a profunda alteração nas feições do artista, que se lançou nos braços do seu patrão, murmurando por entre soluços:

—Minha filha!... Minha filha!...

Roberto Etienne corredeu ao apertado abraço de Cristiano, e, julgando que se tratasse de alguma desgraça irreparável, disse com voz comovida:

—Coragem, meu amigo... coragem!

—Tornei a achá-la!—exclamou Cristiano.

—Um raio de alegria indefinível lhe brilhou nos olhos.

—Foi-me restituída a minha filha. E ela está aqui... ao pé de mim...

—Será verdade?—preguntou Roberto Etienne.

Depois, recordando-se das palavras do jardineiro:

—A tal religiosa...

—E' Hêna... Mas vinde cá, vinde, senhor. O meu coração transbordava de alegria. Parece-me que perco a cabeça... Oh! nunca precisei tanto como hoje dos vossos bons conselhos... Que hei-de fazer agora?

Cristiano e o seu patrão, que estavam à entrada do pátio, passaram para um quarto vizinho.

—Então, meu caro, sossegai!—disse o sr. Roberto Etienne. Sossegai e dize-me como foi isso... Dizeis que precisais dos meus conselhos? Bem sabeis que tanto os meus conselhos como a minha amizade vos pertencem.

O artista recolheu-se por um instante, limpou com as costas da mão as lágrimas que lhe inundavam o rosto, e disse:

—Soubeis da prisão de minha mulher, de minha filha e do meu filho mais velho em nossa casa. E eu, se estivesse em casa, teria sido também preso. Mas fui avisado por meu cunhado, que estava ali perto, e consegui fugir ao perigo que me ameaçava. Graças a Josefino e a vós, encontrei um refúgio, primeiramente em Paris, e depois aqui, neste retiro, que vos pareceu mais seguro.

—Não pagava eu assim uma dívida de gratidão? A vossa hospitalidade a João Calvino foi, talvez, a causa principal da perseguição de que sois vítimas, vós e a vossa família. A pesar das minhas instâncias, a princesas, cujo valimento me tem até agora defendido contra os meus inimigos, recusou tentar fôsse o que fôsse em vosso favor. O cardeal Duprat disse-lhe: «Senhora, o homem por quem vos interessais é um dos mais encarniçados inimigos do rei e da Igreja; se conseguirmos apanhá-lo à mão o tal Cristiano Lebronn, ele não escapará à força, que tanto merece!» Causa-me espanto semelhante encarniçamento contra vós, laborioso e obscuro artista.

—Já sei a causa desse encarniçamento, sr. Etienne; e, antes de continuarmos a nossa conversação, devo-vos esta declaração, que poderá influir para os conselhos que espero de vós.

Cristiano abriu o cofre que continha as suas legendas de família, que o sapador lhe tinha entregue pela manhã, tirou dele um papel, que entregou ao sr. Roberto Etienne, dizendo: «Tende a bondade de lêr isto,

senhor; os manuscritos a que alude esta nota são as tais crônicas de que algumas vezes vos tenho falado.»

O sr. Roberto Etienne pegou no documento e leu:

**Inácio de Loiola, Geral da Companhia de Jesus**

A. M. D. G.

(Ad Majorem Dei Gloriam)

«Os inclusos manuscritos, a pesar da incorrecção do seu estilo e de outros defeitos de forma, podem tornar-se, depois da descoberta da imprensa, uma arma muito perniciosa.

«Esta legenda, transmitida de geração em geração, no segrêdo do lar doméstico, nas obscuras camadas do povo, não podia, antes da diabólica invenção da imprensa, ter outro inconveniente além do de perpetuar execráveis tradições numa família só; mas agora já não é assim. Essas crônicas estão impregnadas do ódio de raça que tem o gaulês ao franco, o conquistado ao conquistador, o servo ao seu senhor, o súbdito a realessa e à Igreja; elas podiam ser agora multiplicadas e espalhadas em número infinito por meio da imprensa, e assim propagadas entre o povo, sempre inclinado à rebelião contra a autoridade pontifical e contra a autoridade real. Ora o povo, instruído, por estas legendas, de factos históricos que nunca deve conhecer, se se quiser que ele sinta pelo trono e pelo altar uma cega submissão, um respeito e um terror salutares, este mau povo entregar-se-ia cada vez mais a essas revoltas que até agora nenhum século deixou de ver, e a que a sociedade de Jesus, com a ajuda de Deus porá termo.

«Portanto, é preciso que desapareçam imediatamente esses manuscritos, e, como propôs o nosso caro filho Lefebvre, que se quebrem as tradições da tal família Lebronn, empregando os meios seguintes:

«Fazer condenar o pai e a mãe como herejes; as acusações de heresia são abundantes contra eles. Tortura e fogueira contra esses infames.

«Encerrar num convento e obrigar a professar o filho e a filha (Hêna e Hervé), actualmente em Paris.

«Quanto ao mais moço, Odelin, de quinze anos de idade, e que viaja agora pela Itália, com mestre Raimbaud, o armeiro, apontado como hereje, esperar a volta deste adolescente a Paris, seguir com ele o mesmo procedimento que com os outros: prendê-lo, levá-lo para um convento e constrangê-lo a pronunciar os votos. Ele tem quinze anos, e é sempre fácil influir no espirito duma criança dessa idade. Se, contra todas as probabilidades, não se pudesse obrigá-lo a professar, ficaria ele retido no convento até aos dezito anos, depois arranjava-se-lhe uma condenação por crime de heresia, e ele era queimado vivo.

«Insisto... Importa não só destruir os citados manuscritos, mas também quebrar as tradições desta família, extingui-la... ou entregando-a ao braço secular por crime de heresia, ou encerrando para sempre estes últimos rebentos na sombra dum claustro.

«E' preciso que todos se lembrem de que um inimigo nunca é pequeno, e de que as infimas causas produzem às vezes grandes efeitos; num dado momento, em tempo de rebelião, um homem resolutivo e enérgico pode arrastar todo um povo. Ora a família Lebronn, graças às suas tradições seculares, podia produzir um homem desses. Deve-se, para prevenir semelhante facto, suprimir essa família.

«Se—o que é impossível—as medidas acima indicadas não dessem bom resultado, se se perpetuasse esta raça perigosa, seria então necessário que a nossa Ordem estivesse sempre à espreita... destes Lebronn, que certamente gerarão perniciosos scelerados.

«Este exemplo, entre mil outros, prova a necessidade dos registros, de que já falei. Quero que cada provincial da Ordem tenha um na sua divisão, e quero que ele inscreva nesse registro os nomes de todas as famílias que a Ordem deve vigiar mais de perto.

Estas informações, assim conservadas, e transmitidas de século em século, fornecerão à Companhia meios de vigilância e de acção sobre as gerações futuras. Tal é a minha vontade.

«O nosso amado filho Lefebvre inaugurará, pois,





## A greve de Lourenço Marques

Um ferroviário cobardemente assassinado a tiro, por um espião do governo!

Dos jornais de Moçambique passamos a respirar o que neles encontramos de mais interessante sobre a greve de Lourenço Marques.

Um telegrama de Mbabano diz que a greve está afectando muito seriamente a região oriental da Suazilândia e que grandes remessas de gêneros estão sendo demoradas, sentindo-se a ameaça duma grande escassez de gêneros.

—O alto comissário, para prender o grevista M. J. da Silva, mandou assaltar a casa onde ele se encontrava pacatamente retirado, por 17 policiais.

—O Star, de Johannesburg, tendo mandado um seu enviado especial a Lourenço Marques, conta que «uma considerável quantidade de carga teve já de ser arrumada ao ar livre, em virtude dos armazéns estarem cheios; e que o comércio de carvão está sendo fortemente afectado, tendo já vários navios visto na necessidade de se dirigirem para Durban e outros portos para carregar».

—Na estrada da Moamba, um numeroso grupo de policiais atacou uma casa a tiro, estabelecendo-se, entre si e os sitiados, vivo tiroteio. Da refrega saíram presos oito grevistas que pacatamente ali estavam albergados. Era intenção dos siantes prender Mendes de Tenga, mas este conseguiu evadir-se. O Mendes não é grevista.

—Um redactor de O Guardian diz que mais de 50.000 toneladas de carvão tinham deixado de ser embarcadas em princípios de Janeiro.

—Numa correspondência de Lourenço Marques frisa-se que os prejuízos causados pelo governo, lançando-se na aventura das violências contra os ferroviários, se estão aproximando de meio milhão esterlino.

—O jornal O Direito diz que a direcção dos C. F. L. M. tem recebido muitas reclamações de várias casas, protestando contra a demora na remessa de mercadorias, tendo a mesma direcção apresentado desculpas, invocando a anormalidade da situação. O mesmo jornal chicoteia o governo por falsamente ter dito para Lisboa e para a União, que tudo estava normalizado, quando se prova que, o que tudo está é desorganizado.

—O Direito, de Lourenço Marques, afirma que os indígenas das circunscrições fronteiriças estão passando clandestinamente para o Transvaal, fugindo assim à brutalidade de os fazerem pagar o imposto de patilha em ouro ou de razão de 15000 por libra.

—O Emancipador de 10 de Janeiro, informa que Figueiredo Lima, director do jornal officioso, Bartolomeu Severino secretário do Interior e um comerciante, se envolveram em desordem, altas horas da noite, no «Bar Raposo».

O mesmo jornal diz que no Comissariado da Polícia se estabeleceu a santa inquisição, tendo havido detidos a quem tem feito estar de pé 29 horas sem comer nem beber; e que quando o cansaço leva os presos a encostarem-se às paredes, 3 ou 4 algôzcos dão por baixo, de mistura com os mais rasteiros insultos.

Os jornais anunciam que têm continuado as prisões por denuncia, e que sucede aparecerem homens vestidos de mulheres, recusando nas casas quando os seus proprietários estão ausentes.

Os agentes do Governo falsificaram um suplemento do jornal operário O Emancipador, enchendo-o de prósa traçoira e vil pela qual, em nome da «Comissão de Resistência», eram convidados todos os ferroviários a apresentarem-se em massa, sem condições, ao serviço. Então «Um grupo de ferroviários» fez publicar imediatamente um manifesto denunciando a infâmia, e do qual A Batalha extracta os seguintes e flageladores períodos:

«Se ainda dúvidas restassem sobre o estofo moral dos componentes da quadrilha dos esquerdistas, a edição que acabam de fazer do suplemento a O Emancipador demonstra à evidencia o quanto pode a baixeza de tais bandidos.

Está instituída com o visto das autoridades deste pacato burgo, a formiga branca de não nefasta memória. Figueiredo Lima é o bandido mór da seita, tendo por acólitos uma tráfala que dá pelos nomes de América ou Belchior o qual, por seu turno tem por acólito também um Ferrêro ou Pereira nengoto ou repelente. Este triunvirato é por seu turno acolitado por um Limpio de Lacerda mais vulgarmente conhecido por Sujo de Lamerda, um tal Pinho (amarelo ferroviário), um Lopes (Manivela) e o homem da carrega dos cães que, no exercício da sua ex-profissão se adaptou às funções de cão de fila.

—Lopes, o homem da carrega dos cães, guarda costa do Figueiredo o espião do Governo, relata no O Direito e O Guardian de 19 de Janeiro, assassinou, com 3 tiros de pistola, na praça 7 de Março, — o ferroviário Raúl Ferreira, homem honesto, socoado e trabalhador que deixava viver e um filhinho na miséria. O sicário, quadrilheiro do governo, cometeu o hediondo crime com uma pistola «Savage» militar, o que só por si, naquele pacato burgo, denuncia as afinidades que o Lopes tinha com a situação.

A fera, depois de cometido o crime, não se querendo deixar prender, feriu ainda, à navalhada, mais dois indivíduos, e na sua terrível fúria continuaria, se um popular destemido, o não deitasse abaixo com uma pancada na cabeça.

Esta mesma fera, provocando grevistas indefesos, já anteriormente, no mesmo local, tinha pretendido abater alguns. Avisada a polícia de que o sicário andava indevidamente armado esta não fez caso do aviso.

Valores entendidos? O funeral do assassinado foi uma imponente manifestação de protesto tendo todo o comércio encerrado as suas portas.

Raúl Ferreira, a vítima infeliz dum espião do Governo, tinha sido preso em 26 de Dezembro, embora já nessa data estivesse trabalhando nas oficinas Le May.

Podiam ser apontados muitos outros fac-

## CARTA DE COIMBRA

### Os operários da indústria do mobiliário movem-se contra a exploração dos reclusos na Penitenciária

COIMBRA, 14. — Conforme notícias, os operários da indústria do mobiliário estão desenvolvendo intensa actividade em face da grave crise de trabalho que a classe atravessa e que é atribuída, em grande parte, à laboração das oficinas da mesma indústria na Penitenciária desta cidade.

Na passada sexta-feira, 12, teve lugar a terceira reunião para tratar de tão momentoso assunto, a qual se realizou na sede do Clube Operário, pelas 18,30 horas.

Presidiu Arlindo dos Santos, secretariado por José da Veiga e Ezequiel Correia.

Aberta a sessão, foi dado conhecimento à assembleia, do resultado das «demarches» junto do governador civil, o qual prometeu interessar-se pelo assunto.

Fizeram uso da palavra alguns operários, sendo feitas revelações interessantes acerca da desleal concorrência dos arrematantes das oficinas da Penitenciária aos seus colegas da indústria particular, os quais, ultimamente, têm chegado ao ponto de induzirem clientes com obra já contratada, a rescindir os contratos feitos, apresentando propostas mais vantajosas, o que podem fazer sem prejuízo, atendendo a que esses senhores têm dentro das suas oficinas algumas dezenas de reclusos, cuja remuneração é miseravelmente feia.

Esta nova atitude dos arrematantes origina grandes protestos da assistência, pois estão contribuindo, assim, para um maior agravamento da crise na classe.

Por proposta de Amadeu Neves é resolvido que se nomeie uma comissão para se avistar com o director da Penitenciária, e fazer sentir àquele senhor o quanto a laboração das oficinas de mobiliário, com o regime de trabalho ali existente, afecta a situação económica dos componentes desta classe.

A comissão nomeada para esse fim é composta pelos camaradas Arlindo dos Santos, Amadeu Neves, Alfredo da Silva e José dos Reis.

Foi resolvido, também, convidar o correspondente de A Batalha a acompanhá-la nessa missão.

Como estivesse presente na sala o industrial Henrique Dias, o presidente reconhecendo neste um passado de trabalho em prol da classe, quando operário, e o seu interesse sempre manifestado para que a indústria prospere, pede à assembleia autorização para que lhe seja permitido fazer uso da palavra, o que é concedido.

Dada a palavra àquele industrial, alargase em diversas considerações oportunas, fazendo enraizar ainda mais na assistência a convicção de que a sua causa é justa.

Termina por lamentar a dualidade de critério dum dos arrematantes das oficinas, Fernando Jacob; esse cavalheiro quando as oficinas estavam arrematadas apenas pelos industriais António Felício e Manuel Miranda, era um dos que maior propaganda fazia contra aqueles, chegando a propor a execução de actos violentos para obstar a que continuassem a funcionar aquelas oficinas.

Hoje, que Fernando Jacob, socialista, (?) se encontra de parceria com os primitivos arrematantes, é exactamente o que se distingue mais na ignóbil exploração dos reclusos, pois já é célebre aquela frase, a ele atribuída: *dos presos só se consegue fazer alguma coisa à força de cavalo marinho!*

Por último foi resolvido nomear uma comissão de resistência, com plenos poderes para tratar de todos os assuntos que se fundam com esta questão.

A sessão foi encerrada pelas 21 horas, devendo realizar-se outra em breves dias. —C.

## A VOZ DA CADEIA

Os presos por questões sociais que se encontram no sector C, da cadeia de Monsanto, pedem-nos que tornemos público o seguinte:

São totalmente estranhos aos actos de agressão e roubo praticados por indivíduos que invocam a situação dos presos. Embora sofrendo inúmeras privações, os escrúpulos dos operários presos vão a ponto de não receberem dinheiro cuja proveniência ignorem, apenas repartindo equitativamente entre si os donativos que lhes enviam seus camaradas. Os referidos presos afirmam com altivez a sua qualidade de operários e militantes, por não quererem confundir-se com indivíduos que praticam actos dignos de toda a repulsa.

Comunicamos o operário Augusto Victor da Cunha, preso na cadeia de Monsanto, que lhe foi entregue a quantia de 6425, produto de uma quete aberta pelo seu camarada Carlos Ribeiro, nas obras do novo manicómio.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Ussukuma» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas e Angola, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência às 8 horas.

Por via Marselha também se expedem malas de correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11 e 30.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

tos, Bastam, porém os que aí ficam, para se aquilatar do céu aberto que vai por Lourenço Marques.

Sem esquecer que, do material volante dos C. F. L. M., já pouco resta que não esteja profundamente avariado e fora do serviço.

Mas Azevedo Coutinho não se resigna a tirar a cantarinha dos milagres fonte que lhe deixa um pouco mais de 23 libras por dia; e o ministério das Colónias, satisfeito com a obra do grande homem, deixa-o estar, dando aquele lindo espectáculo de liberal e administrador.

## POR TERRAS DE AFRICA

### A escravatura disfarçada em intuitos humanitários

A propósito dum diploma official publicado recentemente que mais parece uma armadilha previamente preparada pelos governos do que uma medida afixiva tomada por governantes ingênuos, recebemos a publicação que segue. A doutrina de que vem não é nossa. Mas com ela concordamos plenamente excepto em certos pontos de vista libertários, bem conhecidos dos nossos leitores.

Eis o comunicado:

A portaria publicada no Diário do Governo de 4 de Janeiro último sobre «a colonização de São Tomé e Príncipe» é uma verdadeira mistificação. Esse diploma não resolve coisa nenhuma e não passa, bem vistas as coisas, de uma maneira habilidosa de tornar a questão, adquirindo mão-de-obra, forçadamente e sem verdadeiro proveito para o indígena nem para o Estado!

As ilhas de São Tomé e Príncipe, com uma superfície de 938 quilómetros quadrados, comportam uma população de perto de 50.000 habitantes no número dos quais se contam 3.000 europeus, 12.000 indígenas e 35.000 trabalhadores.

Esta população, apresentando uma densidade de 53,3 por quilómetro quadrado de terra fertilíssima, gosando de um clima excepcionalmente temperado, a pesar de colocada quasi sob o equador, com admiráveis condições para as intensas explorações agrícolas que poderiam constituir a mais importante fonte de riqueza nacional, encontra-se na sua maioria em uma situação afixiva, pela insignificante proporção divisionária das terras.

As mais produtivas e férteis glebas, as maravilhosas matas e os riquíssimos mananciais de fertilização, constituem ainda hoje colossais feitorias sujeitas ao domínio de meia dúzia de senhorios feudais.

Toda a riqueza da ilha, em virtude de esbulhamentos criminosos praticados ao Estado e aos naturais, é oferecida assim aos interesses de uma dezena de potentados, com prejuízo de todas as leis do Direito e da Humanidade.

Mas se a exploração dos terrenos húmidos mais apropriados às culturas remuneradoras se encontram, por uma exigua constituição fraccionária, sob o domínio das grandes empresas, é certo que determina zonas do sul e do centro, em virtude de especiais condições meteorológicas, como a humidade e a temperatura excessiva, encontram-se completamente abandonadas, constituindo baldios; que racional seria valorizar pelo esforço, não do colono impaciente, sem estabilidade nem amor à terra, mas do indígena.

Todos os meios de saneamento e de produtividade aplicados a estas zonas excepcionais, que representam uma apreciável extensão de terras de posuio, têm sido, pela sua falta de metodização e de critério científico, absolutamente impróprios, se não peyorativos, como seja a destruição de uma parte da admirável floresta da ilha.

A ambição e a impaciência de uma colónia emigratória, sem persistência nem de dedicação, não permite, porém, que se procure promover a aplicação de medidas racionais que conduzam simultaneamente a uma efectiva prosperidade da ilha e ao bem estar da população.

Nessas zonas em que o cacau, o café e a borracha não podem ter vegetação e frutificação compensadora, é no entanto admirável a produção da banana, da mandioca, da batata, do tabaco, do amendoim, do milho, dos grãos oleaginosos, da madeira, em fim, de uma congénie de produtos com segura colocação nos mercados europeus, constituindo alguns, como o milho e a banana, a base da alimentação dos indígenas.

Também a criação de bois, cavalos, porcos, cabras, galinhas, etc., constituiria nestes vastos terrenos abandonados—hoje estéril e ferocemente defesos ao esforço carinhoso dos naturais pela ambição dos roedores—uma segura fonte de riqueza.

A população trabalhadora, reduzida a laborar a gleba dos grandes senhorios, sofre a miséria cruciante dos desprotegidos, sujeito à importação deficiente e ruína de produtos alimentícios da metrópole e das outras colónias, só porque as grandes empresas feudatárias da ilha não convêm a exploração dos baldios.

Mas não pode nem deve ser assim. Uma província que leva aos cofres do Estado mais de metade da sua receita pública, em que cada habitante, na sua maioria misero trabalhador sem um palmo de gleba, contribue com cerca de vinte escudos anuais para manter o equilíbrio de propriedade dessas poderosas empresas da ilha, tem o direito ineluctável de partilhar o usufruto das terras, arrancando do solo, num canto de alegria e de glória, os produtos que lhe são indispensáveis à vida.

É indispensável que pobre indígena, considerado apenas como um factor da produção, se possa emancipar do jugo das grandes empresas, pela adequada valorização do seu esforço, tanto mais eficiente quanto mais voluntário.

E esta é uma questão que, considerada em generalidade como base de uma segura e inteligente administração colonial, interessa fundamentalmente a riqueza e prosperidade nacionais.

Enquanto persistir porém a perigosa miopia com que se têm olhado os destinos coloniais, procurando sistematicamente expulsar o indígena da comunhão nacional, conservando-o sob uma espécie de escravatura moral contrária a todas as leis do Direito e da Humanidade, Portugal será sempre uma pequena nação onde só é grande, só é admirável, só é genuinamente nacional, esta coisa monstruosa e degradante: a Inepcia da governação pública.

O Comité da Africa Portuguesa, em face das considerações que acaba de expor, cumpre um dos preceitos da sua patriótica missão de defensora dos interesses coloniais, propondo, como solução imediata à gravíssima crise em que se debate a população da

ilha de São Tomé, e implicitamente como princípio básico da prosperidade nacional:

1.º Que por interesse público e protecção individual sejam concedidos, por via de arrendamento ou título gratuito e provisório, os terrenos baldios ou abandonados existentes em toda a ilha.

2.º Que as condições gratuitas sejam reservadas aos indígenas, aos serviços cujos contratos tenham terminado e aos emigrantes portugueses necessitados.

3.º Que a protecção dos mesmos, seja entregue à administração local, tanto no começo dos trabalhos da exploração como depois na sua valorização.

4.º Que a essa administração local seja reservada a escolha das terras das explorações a fazer, a sua delimitação, e monopólio da distribuição das sementes.

5.º Que a banana e o milho, figurem como dos principais produtos a explorar por constituir a base da alimentação indígena.

6.º Que os terrenos sejam concedidos a título provisório.

7.º Que os concessionários sejam sujeitos aos regulamentos da salubridade pública, de inspecção e de policia em vigor.

8.º Que as concessões sejam pessoais e que no caso de morte aos herdeiros sejam integrados em pleno direito.

9.º Qup as concessões provisórias não possam ser cedidas ou alugadas sem autorização da administração local ou do Conselho de Administração.

10.º Que a solução dos litígios, que sobrevenham entre a administração local e os concessionários, dependa do Conselho Central, ao qual ficam sujeitos todos os actos da concessão nas suas condições especiais.

§ único. O Conselho Central fixará e cobrará 20 % «ad valorem» sobre todos os produtos de origem concessionária. — O Comité da Africa Portuguesa.

### A força do proletariado chinês inquieta seriamente o capitalismo britânico

Do jornal inglês, Daily Herald, órgão trabalhista, extrairnos os seguintes trechos que denunciam, insofismavelmente, a actual situação do capitalismo inglês na China:

«Quando na última primavera nós protestamos contra a loucura e brutalidade dos fusilamentos em Xangai, a imprensa reaccionaria retorquiu que nas relações com os orientais era necessária a «mão forte».

Declararam eles que o tratar bem o povo chinês, seria considerado por ele como um sinal de fraqueza. O nosso prestigio seria diminuído. O nosso comércio sofreria com isso.

Se, ao contrário, nós conservássemos a mão firme e mostrássemos aos chineses que não podemos ser apocados, tudo estaria bem: O comércio, como antigamente, seguir-se-ia às armas de fogo.

Realizaram os seus planos, esses advogados da «mão de ferro».

Completamente livres e postos à vontade pelo governo, os «homens da localidade» trataram de dar uma lição aos chineses. O protesto de Cantão contra os fusilamentos de Xangai foi reprimido com o massacre de Shakes. O governador de Hong-Kong anunciou que esparcira, e deportaria os protestantes da colónia.

O habitantes de Cantão responderam, não pela violência, mas pela arma pacífica do boicote e da greve. Bem depressa Hong-Kong começou a sentir a dor. Todavia, não ocorreu a ninguém que a situação podia ser resolvida por uma condigna reparação a propósito do caso de Shakes. Recorreram novamente à força, e lançou-se o exército mercenário de Tchong contra o governo nacional de Cantão.

As forças de Tchong, após um primeiro sucesso retumbante, foram derrotadas. O governo de Cantão fortificou a sua posição. O boicote prosseguiu tranquilamente, mas com eficácia.

Agora repentinamente os homens fortes, que trocaram dos nossos conselhos estão possuídos de terror.

«O prestigio inglês e o comércio inglês no Sul da China, diz o presidente da Associação da China nas colunas do «Morning Post» vão ser arruinados, se não se acaba com o boicote».

«Quão poderosa é a greve!» grita o próprio «Morning Post», na agonia duma apreensiva descoberta. Deviam ter pensado nisso dantes. Os entusiastas defensores da força estão aprendendo a lição muito tarde.

Eles exploraram os chineses impunemente durante muitos anos. Agora, repentinamente, os chineses endireitaram as costas. E os exploradores gritam como covardes. Mas mesmo assim ainda não lhes ocorreu ter sensibilidade e decência. Querem o auxílio da Inglaterra... Querem mais força.

A tragédia de tudo isto é que por causa da sua estupidez e brutalidade, não só eles mas os outros estão sofrendo. Este boicote, dirigido contra os exploradores de Hong-Kong e do tratado dos portos está, prejudicando os operários das fábricas da Inglaterra. Nós, também, estamos pagando uma elevada parte por tolerarmos e auxiliarmos o Imperialismo da nossa classe dominante.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

«Educação Social» Revista de pedagogia e sociologia Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retózeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

### Um grito de protesto contra a reacção na América do Sul

Recebemos a seguinte correspondência de um grupo de camaradas da República da Colombia:

«Camaradas, mais uma vez, a infâmia instalada no governo desta indigna República, por incitamento dos bárbaros cruzados clericais, fez tinger com sangue do povo as ruas e praças das principais cidades. Isto, por motivo das eleições realizadas para vereadores da Câmara.

Al estão: Medellín, Bogotá, Barranquilla, Ciénaga e Calamar teatros dos trágicos acontecimentos, onde as balas oficiais, às ordens das loucas turbas fanatizadas, feriram o coração dum povo indefeso e trabalhador.

Tal é o conluio entre esses dois caciques: de decrépitos, cheios de monstruosidades, o governo e o clero.

E não podia senão acontecer assim; aqui neste país, onde o selvagismo impera desde o primeiro mandatário até ao último recrutado policial de aldeia; aqui, terra de aventureiros de sotaia, traficantes de consciências; país de atrevidos assassinos do Erário Nacional e capa das grandes trapalhadas políticas, desonra e escárnio da «Pátria».

E o sangue inocente, vertido naquela trágica jornada, salpica de vermelho a consciência tenebrosa dum governo assassino e indica o furor das hordas sombrias dum poder clerical.

Porque aqui, o governo e os corpos legislativos não exprimem a vontade das tendências políticas, mas a fictícia hegemonia do conservantismo sustentado no poder, como acima o notamos, pelo crime, pela fraude e pelo assassinato official colectivo.

Princípios de ditadura!

E sobre os cadáveres daquele terrível «massacre» e por charcos de sangue, os soldados profanos de Cristo e a soldadesca armada, passavam ufanos com bandeiras azuis, em sinal de triunfo.

Sublime triunfo, o triunfo de cobardia! E os grandes criminosos gosam da impunidade e cobrem-se de honras! Lá chegarão eles, talvez mais tarde, com insignias de consules, a cantar como o poeta, que a «Colombia é uma terra de leões».

Quadrilha de velhacos, de selvagens, de aventureiros e de criminosos fanatizados, servidores do governo, dizemos nós.

Ao cacique superior, Pedro Nel Ospina depois daquela matança oficial, elevaram o saldo para dois mil pesos ouro mensais; e o exército (de assassinos) foi aumentado para vinte mil homens.

E aqui, Medellín, antro fatal das fúrias clericais, esse ancio trêmulo, de fingidas virtudes, que passa nas ruas, tranqüilo, com as de mansidão e esparangido benções às multidões que se inclinam à sua passagem; esse ancio de alma feroz e instintos criminosos, «sua ilustíssima» o arcebispo, esse dizemos, antes da cruenta jornada, da sua augusta morada, deu, e ordenou ao governo o mandato abominável de vencer e destruir a sangue e fogo.

Assim sucedeu, e o sangue correu em torrentes!

E os muitos mortos e feridos, revelarão fielmente o resultado daquela fatídica ordem, emanada dum dos maiores traficantes de consciências.

Oito dias depois, quando ainda palpitava a dignidade dum povo ferido; quando latente estava o sangue das vítimas do monstruoso crime; quando Colombia juntava à sua História mais uma página de sangue, nas portas e janelas flutuavam as bandeiras símbolos da Pátria e nos parques e ruas as bandas de música tocavam o hino nacional: era a celebração da Festa da Raça!

### E' trágica a situação dos operários dinamarqueses

Na Dinamarca, a crise económica tem assumido uma notável gravidade. As fábricas paralisam, lançando para a rua numerosos operários. A impressão geral é de que a crise industrial ainda perdurará muito tempo, especialmente, a crise nas indústrias têxtil, calçado, couros e peles e metalurgia. Não prevê a menor melhoria na situação actual, havendo em todos uma profunda descrença dos remédios propostos.

O governo toma medidas que deixam tudo na mesma. Tem-se fundado inúmeros comités para apresentarem soluções práticas que diminuam a vasta crise de trabalho.

A constante desvalorização da moeda, o encarecimento do custo da vida, a especulação comercial e outros factores da desordem capitalista, agravam trágicamente a situação das classes operárias. Em fins de Dezembro, atingia 73.300 a cifra dos desempregados e supõe-se que o seu número seja agora de cerca de 85.000.

### Prevenção

O Sindicato Unico da Classe Têxtil do Porto previne toda a organização operária e quem tenha de com ele se corresponder que a sua sede é na rua Fernão de Magalhães, 494, 1.º, e não na rua dos Vanzeleros, 273, 1.º, como por lapso se publicou no Almanaque de «A Batalha» para 1926.—A comissão administrativa.

### Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as depotações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

### Aos Manufactores de Calçado

#### PREVENÇÃO

Encontrando-se em greve os manufactores de calçado de Cascais contra uma tentativa de redução de salários, a Associação dos Manufactores de Calçado de Lisboa previne os profissionais desta cidade contra qualquer convite dos industriais daquela vila, para substituírem os grevistas ou manufacturar obra para os mesmos, mantendo assim a solidariedade necessária com aqueles que dignamente se opõem às manobras dos exploradores da classe.

### Vida Sindical

#### CONVOCAÇÕES

DIAS PROXIMOS

S. U. Metálgico. — Amanhã, pelas 20,30 horas, a comissão de melhoramentos, para assuntos importantes.

Secção de Belém.—Amanhã, pelas 20 horas, a comissão administrativa e às 19 horas todos os cobradores.

Pessoal do Município.—A comissão administrativa resolveu não realizar a assembleia que estava marcada para a próxima quinta-feira, por motivo de ter de resolver vários assuntos de importância nesse dia, e por ser este o dia dos cobradores.

Fica por esta forma adiada a assembleia para sábado. Avisa-se os cobradores de que só se dá expediente na quinta-feira.

Comissão administrativa.—Reúne para assunto de importância na quinta-feira, não podendo faltar membro algum, pois é necessária a assinatura de todos para um documento.

Caixa de Solidariedade.—Reúne quinta-feira, para assunto importante, às 20,30.

#### SINDICATOS DA PROVINCIA

Corfiteiros de Sines. — Na última assembleia geral foi apreciada a circular enviada pela C. U. T. Foi lido e aprovado o relatório de contas da comissão administrativa cessante. Em seguida elegeram-se os corpos gerentes, que ficara assim constituída:

Direcção: presidente, Manuel Joaquim; secretário, Joaquim Roberto; tesoureiro, José A. das Neves. Assembleia geral: presidente, Manuel Francisco da Costa; secretários, José Inácio de Oliveira e António Sant'Amor.

### CRISE DE TRABALHO

#### Operários licenciados das obras do Estado e sem trabalho

Em conformidade com as resoluções tomadas na última reunião que se efectuou no dia 13 p. p. e com assentimento da comissão administrativa do Sindicato Unico da Construção Civil e Conselho de Secções, realiza-se amanhã pelas 10 horas da manhã, na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, uma reunião magna de todos os operários licenciados das obras do Estado assim como dos restantes operários associados que se encontram sem trabalho.

Nesta reunião fazem-se representar de legados dos Sindicatos dos ardores assim como a comissão de melhoramentos do Sindicato dos Mestre e Operários das Obras do Estado.

Espera-se que desta reunião saiam trabalhos importantes para debelar a crise de trabalho.

#### Operários da Fábrica de Calçado «Elite», Limitada